Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.03, 2025
ISSN 2178-6925

# A LINGUAGEM DIGITAL E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

# DIGITAL LANGUAGE AND ITS INFLUENCE ON LEARNING TO WRITE AMONG ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

**Maria de Jesus da Silva**

Doutora em Educação, Universidad Politécnica y Artística del Paraguay, Paraguay

E-mail: dijesu@hotmail.com

**Marcel Pereira Pordeus**

Doutorando em Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: marcel.pordeus@aluno.uece.br

## Resumo

A presente pesquisa se trata de um recorte da minha tese de doutorado em Educação, à qual permeia as transformações pelas quais passa a linguagem, tomando por referencial a comunicação utilizada por usuários da internet. Desse cenário, nas últimas décadas o desenvolvimento tecnológico tem tomado proporções avultosas no que tange ao emparelhamento de informações, ou seja, como os usuários recepcionam essas mudanças e como estão utilizando essa ferramenta digital. Quais são os benefícios que essa ferramenta tem proporcionado à aprendizagem escrita e leitora para os alunos do Ensino Fundamental I? A utilização da internet, e das redes sociais como suportes mais usados para comunicação, tem se mostrado como objeto de observação pelos estudiosos, no que se refere à adaptação da própria linguagem? Uma vez que essa nova modalidade comunicativa se apresenta com uma variedade de recursos sensoriais, além de proporcionar uma melhor e célere comunicação. Considerando que essa modalidade comunicativa pode, não só economizar tempo e espaço, como também suscitar uma nova linguagem – denominada de linguagem digital - procura-se mostrar neste estudo as diferenças e aproximações entre a linguagem tradicional e a digital no que concerne aos suportes responsáveis pelo armazenamento de informações e suas veiculações. Dentro do macro tema educacional, identifica-se que a cada dia, mais estudantes dos mais variados níveis interagem nesse amplo espaço virtual, no qual se cria uma infinidade de dialetos e pseudoescritas, espaço esse que fez nascer o internetês, linguagem comunicativa digital que estudaremos como elemento comparativo entre as linguagens tradicional e digital, portanto, elemento utilizado pelos que navegam por ambientes virtuais.
**Palavras-chave:** Linguagem; Internet; Internetês, Escrita.

## Abstract

This research is an excerpt from my doctoral thesis in Education, which focuses on the transformations that language has undergone, taking as a reference the communication used by Internet users. In this scenario, in recent decades technological development has taken on huge proportions in terms of the pairing of information, in other words, how users are receiving these changes and how they are using this digital tool. What benefits has this tool brought to elementary school students' writing and reading? Has the use of the internet and social networks as the most widely used media for communication been observed by scholars in terms of the adaptation of

language itself? Since this new mode of communication offers a variety of sensory resources, as well as providing better and faster communication. Considering that this communicative modality can not only save time and space, but also give rise to a new language - called digital language - this study seeks to show the differences and approximations between traditional and digital language in terms of the media responsible for storing and conveying information. Within the educational macro theme, it can be seen that every day, more students of all levels interact in this vast virtual space, in which an infinity of dialects and pseudo-writings are created, a space that gave birth to internetese, a digital communicative language that we will study as a comparative element between traditional and digital languages, and therefore an element used by those who navigate virtual environments.
**Keywords:** Language; Internet; Internetês; Writing.

## 1. Introdução

É perceptível que a sociedade atual se destaca pela velocidade como as informações circulam pelas redes de comunicações, ou seja, como as pessoas interagem interligadas pelas novas tecnologias. Essa interação faz com que as pessoas constituam e configurem diálogos, escritos ou orais, com os mais diversos interlocutores. Nesse diapasão, temos os mais variados usuários, desde os intelectualmente formados até os menos letrados possíveis. Todos são usuários dos meios de comunicação atual, até mesmo aqueles que não sabem escrever.

Portanto, em pleno século XXI é comum presenciarmos alunos trocando conversas através da internet. Essa prática gera uma preocupação, particularmente direcionada aos alunos que ainda não consolidaram a escrita. Alguns professores e gestores discutem sobre o assunto em questão. Mas, muitas são as facilidades e inovações que disputam com essa preocupação, como por exemplo: a rapidez, o barateamento, o divertimento e a possibilidade de muitas vezes não haver cobranças e policiamento quando se escreve errado.

Essa prática não é preocupação somente dos grandes centros urbanos, nem tão somente de classes abastadas, ela está em todos os segmentos da sociedade. É uma realidade encontrada nas grandes e pequenas cidades, na comunidade educacional das classes A, B e C.

A preocupação se intensifica pelo fato de os usuários dessas práticas reinventarem a própria linguagem de comunicação e a utilizarem em grupos, ou seja, nos mensageiros instantâneos como WhatsApp, Facebook e Instagram dentre outros, porque o que importa é a velocidade da comunicação e não o uso correto das palavras e das frases como costumamos ver em uma comunicação formal.

Diante dessas transformações e do que vem acontecendo no último milênio e refletindo o próprio desenvolvimento tecnológico da informática, assim como a utilização da internet, redes sociais como uma das formas mais usadas para comunicação, observa-se que se passa a adaptar a própria linguagem com o objetivo de se ter uma melhor e rápida comunicação. Considerando que pode ser não só com o intuito de economizar tempo e espaço, o que acabou por dar origem a uma nova linguagem – a digital.

Dessa forma, nota-se a importância em estudar essa nova linguagem, principalmente no que tange às suas possíveis influências na escrita da Língua Portuguesa em sala de aula, buscando compreender como essas tecnologias estão inseridas na escola e como o(a) professor(a) de Língua Portuguesa lida com essa nova modalidade da língua.

Desses fatos, esta investigação ambiciona comprovar a existência de uma nova geração e mostrar que dia após dia, principalmente nesses últimos anos, vem ocorrendo uma grande transformação no setor educacional, em que os alunos passaram a viver plugados ao telefone celular, ao computador, enfim, a uma nova era, “a era da informação e comunicação”, caracterizada pela sua multidimensionalidade e multimodalidade comunicacional. Identificou-se que cada dia mais estudantes interagem nesse amplo espaço virtual, onde há uma infinidade de dialetos e criações feitas pelos usuários, espaço este que fez nascer o internetês, nome dado a uma de nossas propostas de estudo, e que é uma linguagem utilizada inicialmente pelos que navegam nessa constelação de informações.

O internetês adquiriu com o passar do tempo mais adeptos, e tem conquistado espaços em todos os lugares; em todas as classes sociais. Ele adentrou nas escolas ao ponto de ser visto de forma natural por alguns usuários, que no cotidiano da educação atual não distinguiu os diversos tipos de linguagens existentes.

Muitos veem essa linguagem amplamente utilizada pelos usuários na Internet, como uma das formas de comunicação existentes e que deve ser reconhecida por todos como linguagem dominante, ao que isso não está bem estabelecido. Outros consideram tal linguagem um fator de empobrecimento da

gramática e da forma de comunicação.

Portanto, o presente recorte de tese traz como uma das temáticas de investigação, a influência do internetês na escrita dos alunos do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Santa Isabel-EF, localizada no município de Fortaleza - Estado do Ceará, porque, o que não se pode negar é que há nessa linguagem internetês, uma enorme criatividade, pois os usuários de redes sociais utilizam a mesma forma mista para se comunicar, e se utilizam das mais diferentes formas, como: letras, fontes, cores, tamanho das letras, símbolos, rostos, animações, conjunto de símbolos, todos com o mesmo e único objetivo, que é fazer uma comunicação em que a rapidez e a eficiência sejam os princípios fundamentais nessa ação, pois os seres humanos optam por ações mais simples, sem pensar muito nas consequências, ao que isso se pode verificar até mesmo na linguagem formal e informal, ou seja, quando utilizamos palavras que abreviamos ou acopladas para diminuir o tempo de sua sonoridade ou de sua extensão escrita, a exemplo disso: ‘vamos em boa hora’; ‘vamos embora’; ‘vambora’; ‘bora’; ‘bó’.

Acredita-se que os alunos saibam separar a escrita virtual da forma de escrever em sala de aula. É imprescindível que professores e orientadores educacionais mostrem que a pressa do cotidiano, jamais deve obrigar os alunos em suas composições escritas misturarem essas duas linguagens. É necessário que os educadores, enquanto guias linguísticos, orientem os alunos a separar a linguagem cibernética da linguagem culta.

Logo, esta investigação concentra sua objetividade na busca por compreender como a linguagem usada pelos alunos, em redes sociais, interferem nas suas escritas formais; também, a influência da internet na escrita dos mesmos; assim como identificar os termos escritos em redes sociais na linguagem formal dos alunos, e analisar o grau de dificuldade encontrado pelos professores ao conviver com alunos que utilizam a linguagem cibernética do internetês em sala de aula.

## 2. A linguagem digital

Hoje, o uso do computador é inevitável para solução de alguns problemas

encarados pelos nossos alunos, embora esse uso ainda seja desejo de alguns que ainda não tiveram o primeiro contato com a máquina. Dessa premissa, indagamos: como as escolas atualmente estão se preparando para oferecer uma boa educação, utilizando-se dessas tecnologias? O ideal é que crianças e jovens que ainda se encontram excluídas desse novo mundo passem a querer tomar conhecimento do conjunto: mouse, teclado, CPU, monitor e de dispositivos mais recentes como tablets e celulares (Pordeus *et al.*, 2022).

Com o advento das novas tecnologias (enciclopédias online, bibliotecas virtuais de universidades renomadas, ferramentas de busca e sites com banco de dados - publicação de monografias e artigos científicos), pode-se encontrar facilmente material adequado para estudos relacionados ao assunto. O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola como espaço do conhecimento e repensarem a sua temporalidade e incessante transformação.

Frente a esse contexto, convenciona-se a apreensão de um novo tipo de linguagem e de comunicação virtual, que reduz o espaço e as vivências entre os povos. As pessoas se comunicam sem barreiras geográficas, étnicas e culturais. Logo, a escola de hoje não pode ser sinônimo de transferência de conhecimentos. A sociedade atualmente exige das pessoas soluções para situações corriqueiras. Dessa forma, a escola precisa se reinventar, e adaptar-se às novas demandas, caso deseje sobreviver enquanto instituição educacional. Portanto, é preciso que o profissional da educação esteja aberto às mudanças, para que sua prática docente seja estimulante e se mantenha sempre viva, enquanto instrumento de construção do saber.

O mundo contemporâneo vive uma transformação célere de sua percepção do tempo. Vivemos numa época, em que pensar o tempo é pensar sobre o poder de domínio do próprio tempo. O domínio da educação do tempo, por parte da nova geração, que configura os bancos escolares, as didáticas auferidas e as metodologias educacionais e tecnológicas que impactam a sociedade, é mote para outros estudos que denotam a ansiedade da juventude e suas recorrências. Contanto, vamos nos ater às questões concernentes aos discentes e à linguagem virtual.

É fato corrente, na sala de aula, a opinião de alunos de que as aulas deveriam ser mais alegres, descontraídas e criativas. O giz e o quadro negro são concorrentes minúsculos dos recursos midiáticos. Enfrentar esses novos elementos impõe uma nova percepção do mundo, do espaço, da linguagem, dos valores e do conhecimento. São essas questões que podem nos ajudar a pensar a crise da educação contemporânea. Em uma entrevista com o professor José Manuel Moran para o livro *Tecnologia na Educação: ensinando e aprendendo com as tecnologias da informação e da comunicação*, ao ser perguntado se o quadro e o giz estariam com seus dias contados, ele respondeu:

> Infelizmente, não, porque muitas escolas oferecem o mínimo de infraestrutura e tecnologia de apoio a professores e alunos e também, porque muitos professores ainda se consideram o centro, focando mais o ensinar do que o aprender, o "dar" aula do que gerenciar atividade e projetos. A sala de aula pode ser espaço de múltiplas formas de aprender. Espaço para informar, pesquisar e divulgar resultados de aprendizagem. Para isso, além do giz e do quadro, precisa ser confortável, com tecnologias das simples até as sofisticadas [...] infelizmente, a maioria das escolas e universidades pensa que giz, quadro, mesa, cadeiras, um professor e muitos alunos são suficientes para garantir uma aprendizagem de qualidade (Moran *apud* Salgado, 2008, p. 171).

Sobre o fenômeno do conhecimento, que é matéria-prima da escola e sobre o paradigma da educação atual, tomarei como metáfora o navegador genovês Cristóvão Colombo. A mentalidade de Colombo era tomada de lendas e histórias fantásticas, ou seja, uma mentalidade medieval voltada ao teocentrismo. Colombo descobre a América e funda a idade moderna, o olhar de Colombo era normativo e não compreensivo daquele "novo mundo". Sobre o comportamento de Colombo frente ao novo tempo, Silva destaca:

> Colombo não foi capaz de aprender, mas foi capaz de ensinar. Ele cumpriu os desígnios históricos de sua época sem perceber que já habitava um novo tempo. O ato de ensinar é abrir o mundo para a viagem e não para o desígnio. Foi preciso outros viajantes como Américo Vespúcio para descobrir a América e perceber um novo mundo (Silva, 2008, p. 15).

O navegador como metáfora sugere que a história se cumpra. A viagem se abre, o que significa que não necessariamente uma época percebe as temporalidades que a povoam. Na modernidade, como hoje vemos, foi preciso

treinar o olhar para entender uma nova realidade. Era preciso compreender o homem em sua totalidade, diverso do homem medieval. Para tanto, todas as esferas da existência se tornaram passíveis de racionalização, inclusive a Educação. Cada tempo possui sua subjetividade, nesse sentido, para compreendermos os valores e comportamentos do nosso tempo, é necessário um esforço de mudar e compreender o novo. O tempo não é estático, e nos possibilita sensações diversas dependendo daquilo que esteja acontecendo ao nosso redor. Compreender o novo conceito de ensinar na pós-modernidade é estar aberto às mudanças.

Dito isso, a educação moderna nasce sob o signo do controle e da disciplina. Uma disciplina de aperfeiçoamento moral e espiritual e um controle dos domínios que surgiam, fossem eles profanos, sagrados ou mais diversos. A partir do iluminismo, a disciplina e o controle materializaram o tempo e estabeleceram condicionamentos dos comportamentos, inclusive os urbanos. É nesse sentido que as sirenes das fábricas surgiram, ademais, em sintonia aos mesmos condicionamentos, emergem a escola fundamentada nesse mesmo controle do tempo. Sobre a proposta da escola moderna, Tedesco (2004) destaca:

> A escola moderna se propõe a romper com o estilo de formação medieval para o povo – ordenado e sistemático para a transmissão do cânone religioso, mas católico para a transmissão de outros saberes e sempre exclusivamente oral [...] inventou formas de graduação de conteúdos mais sofisticados e detalhadas, associadas à idade e a percursos escolares muito específicos e fechados que, depois, sistematizaram-se nos sistemas educativos modernos considerados os mais especializados de mais bem sucedidos da modernidade (Tedesco, 2004, p. 84).

Um rápido passeio pela história da educação é suficiente para percebermos as diversas crises e transformações sofridas pelas instituições de ensino. O debate atual acerca da educação tem revelado uma inércia. Desse fato, o conhecimento tecnológico ainda é restrito e monopolizado. Pode ser que nos encontremos às portas de uma sociedade regida pelo conhecimento, mas pode ser também que esse conhecimento possa estar centralizado e sendo utilizado para a destruição, o que aprofundaram aquilo que alguns autores chamam de “a nova Idade Média”.

A exposição deste estudo nos condiciona a justificar o objetivo central dessa investigação, ou seja, o fato dos jovens e adolescentes dessa nova geração,

utilizarem uma linguagem diferente para se comunicarem, seja pela pressa na comunicação ou pelo simples fato de se sentirem integrados com a modernidade. Observa-se que nas últimas décadas, o cenário educativo vem mudando, seguindo a trajetória da mudança da sociedade industrial para a sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, também denominada de sociedade em rede, e nesse cenário a escola acaba refletindo as mudanças ocorridas na sociedade em que ela está inserida.

No entanto, percebeu-se que com o avanço da tecnologia que adentra os lares e as escolas, principalmente pelo telefone móvel, vieram novas palavras e expressões, muitas sem um significado apropriado, com neologismos inerentes a um nicho. Com isso, é certo observar o descaso com as normas gramaticais da língua portuguesa, interferindo no processo de aprendizagem do dia a dia perante a forma culta da língua portuguesa.

São várias estruturas grafadas com distorções em contraposição à norma culta. A troca de letras, abreviaturas de palavras desnecessárias, troca de pontuação, dentre muitas outras. Porém, antes de continuarmos com o estudo sobre a linguagem dos internautas, conhecida como o internetês, explanaremos sucintamente, a importância da alfabetização para o desenvolvimento social e cultural de nossos discentes.

## 2.1 Significado do Internetês

Para quem gosta e utiliza a internet, com certa frequência, já não é mais uma “novidade linguística” o uso do internetês, que no início de sua ascensão provocou boas discussões. Uma compreensão mais refinada do internetês, deve-se começar por uma perspectiva histórica, analisando o surgimento da escrita com o surgimento da informática. Como se pode averiguar no início desta investigação. Outro parâmetro importante, para a concepção do Internetês, é a relação com a linguagem oral, pois a maioria das características do pensamento e da expressão fundadas na oralidade é relacionada com a interiorização do som.

O internetês entra como um dos fatores do processo denominado por ele de revolução da linguagem. Este acontecimento, vale salientar, deve-se também à

crescente popularização do computador que, a cada dia, torna-se mais acessível pelas camadas mais populares.

> A linguagem utilizada na internet, denominada netspeak ou o internetês, no Brasil, é um uso criativo de comunicação escrita, via computador, que surgiu junto com as inúmeras facilidades que a internet proporcionou para todos os seres humanos neste novo milênio. Esta forma de se comunicar reúne aspectos de ordem alfabética, semiótica, morfológica, lexical, ortográfica e especialmente logográfica. Em outros termos, os internautas, principalmente os mais jovens, a despeito de qualquer regra gramatical, criaram um festival de neologismos, abolindo pontuação, acentuação, unindo e encurtando palavras (Crystal, 2005, p. 35).

O internetês é a linguagem usada nas redes sociais, visando facilitar o entendimento e rapidez da conversa. Se ele é ou não um gênero textual, não é uma preocupação presente nos diálogos travados nas salas de bate papo, no *Facebook, Skype, Twitter, Instagram* ou em quaisquer outras redes sociais. Para Marconato (2012, p. 56), "[...] o internetês é uma forma de expressão grafolinguística que explodiu principalmente entre adolescentes que passam horas navegando no Facebook, em *chats*, *blogs* e comunicadores instantâneos em busca de interação". Muitos estudos são feitos com a intenção de esclarecer esse ponto. Mas até o momento presente, as opiniões ainda não apontam uma conclusão.

> O Internetês é uma nova forma de linguagem e de comunicação, um novo código: a linguagem digital. Sua história é como a história das demais formas de comunicação que surgiram anteriormente e para as quais os seres humanos mostraram resistência (Papert, 1994, p. 12).

São impactantes as transformações ocorridas na linguagem, tanto no sentido sincrônico estudado por Saussure, quanto pelo que se presencia atualmente, por isso, nesse contexto atual, a sociedade, e mais especificamente os educadores, devem repensar a escola como espaço do conhecimento e repensarem a sua temporalidade.

Para Fruet *et al.* (2008, p. 103);

> O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual.

No entanto, na linguagem internetês há uma enorme criatividade, pois os usuários de redes sociais se utilizam da multimodalidade da linguagem mista para se comunicarem, e das mais diferentes formas, tais como: letras, fontes, cores, tamanho das letras, símbolos, rostos, animações, conjunto de símbolos, todos com o mesmo objetivo: fazer a comunicação de forma rápida e eficiente, pois os seres humanos optam por ações mais simples, sem pensar muito nas consequências delas.

Para (Fruet *et al.*, 2008, p. 143);

> O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual

Uma dessas consequências talvez se explique por meio de algumas tarefas comunicativas que são mais fáceis de serem realizadas do que outras, e no internetês usar, por exemplo, *Emoji*[1], é muito simples. É só escolher entre os vários ideogramas existentes, aquele que melhor exprime o que estamos sentindo ou querendo dizer, então clica-se nele e aperta a tecla *enter*. Essa forma muito rápida de comunicação é muito pertinente para o momento histórico ao qual vivemos, portanto, ao se utilizar desse aplicativo, que já vem disponibilizado nos suportes que se usam atualmente, não se precisa dizer mais nada, muito menos escrever, porque por si, ele ou os emoticons já expressam tudo que se deseja comunicar.

Porém, essa tendência em diminuir as palavras ou reduzir frases e textos, não é novidade na utilização da linguagem para o indivíduo, pois temos essa prática tanto na linguagem oralizada, quanto na linguagem escrita. Portanto, todos os pontos já colocados seriam muito ilógicos se esse caso não se estendesse às redes sociais, posto que elas pedem escritas sucintas e com abreviações, assim há economia de tempo na digitação das palavras, consegue-se prender a atenção do receptor, continua mantendo vínculo afetivo e agrada o destinatário.

[1] Emoji é uma palavra derivada da junção dos seguintes termos em japonês: e + *moji.* Com origem no Japão, os *emojis* são ideogramas e *smileys* usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso está se popularizando para além do país.

No entanto, alguns estudiosos criticam duramente as abreviações, enfatizando que as mesmas prejudicam as formas cultas da língua, além de caracterizar os adeptos da linguagem como vândalos gramaticais, Marcuschi (2006, p. 62) afirma que.

> Tanto na produção oral como na escrita o sistema linguístico é o mesmo para a construção das frases, mas as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos linguísticos diferenciados.

Ainda segundo Marcuschi (2007, p. 17),

> [...] as limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora elas não se limitem a som e grafia", porque muitos outros elementos, como os vistos anteriormente, nelas estão inseridos ampliando as suas semioses.

Portanto, tanto na fala quanto na escrita, a aprendizagem do sistema linguístico deve ser analisada na perspectiva não do uso, mas do funcionamento do sistema, pois algumas práticas sociais são predominantemente mais orais que outras, ou seja, são utilizadas com maior recorrência na modalidade escrita. Logo, é comprovado que crianças e adolescentes que cresceram se comunicando na internet, nas salas de bate papo, enviando e recebendo mensagens por meio de celular e as redes sociais, apresentam uma escrita menos desenvolta e pobre em detalhes, porque o uso da ferramenta internet traz em suas práticas, como especificidade de sua linguagem digital, a abreviação; portanto, o exercício da escrita através dos meios padronizados e formais da linguagem, leva o sujeito a desenvolver melhor suas habilidades ortográficas, gramaticais e criativas.

Conclui-se que, pais, professores e educadores têm discutido sobre os possíveis prejuízos que o uso da linguagem escrita e oralizada, fora do contexto gramatical, pode acarretar na aprendizagem de pré-adolescentes e adolescentes, assim como jovens e adultos, por sua vez, a utilização do "internetês" propriamente dito, essa nova linguagem pode ser aproveitada pelos educadores e professores de Língua Portuguesa, como metodologia para o ensino dos gêneros e comparativa entre as diversas linguagens.

Dessa forma, os hábitos e o mau uso de aplicativos que induzam à utilização de uma linguagem diferenciada da norma culto, pode sim prejudicar severamente o desenvolvimento do aprendizado dos discentes, porque a linguagem desenvolvida pelos internautas é uma nova forma de comunicação, e que fere o sistema linguístico em seu aspecto mais interno, pelo exagero das suas abreviações e pelas diversas particularidades de seus usos.

## 3. Resultados e Discussões

Ao analisarmos os resultados obtidos na pesquisa, pode-se constatar que o estudo investigativo realizado através de recursos bibliográficos, exploratório, descritivo e explicativo, com o objetivo de fazer um diagnóstico sobre o objeto central da pesquisa, ou seja, saber se os alunos que estão cursando o Ensino Fundamental I têm algum conhecimento sobre a diferença entre linguagem formal e linguagem digital, pontua-se que os achados revelam que essa população em estudo sabe diferenciar a linguagem digital da linguagem formal somente na prática, ou seja, no uso da linguagem. Como um sujeito, que nascido em determinado lugar, aprende a língua materna, mas não sabe o sistema que a rege. Certificou-se que eles não têm conhecimento algum sobre o uso de determinadas linguagens em seus ambientes específicos, e não sabem porquê usá-las ou para que usá-las.

Quanto ao uso do internetês, linguagem digital usada por adolescentes e jovens na atualidade, através das redes sociais, certificou-se que apesar de desconhecerem o termo internetês, eles utilizam as abreviações e elas interferem sim, na aprendizagem da escrita dos mesmos. Portanto, apesar dos alunos em sala de aula não receberem nenhuma informação, em forma de conhecimento, sobre as diversas linguagens em trâmite, eles utilizam em seus textos escolares a linguagem digital.

Observou-se que a maioria dos pesquisados sabem separar a escrita escolar da escrita utilizada no mundo virtual, mesmo sem seu total conhecimento de uso. Embora a linguagem digital seja a linguagem preferida por toda essa geração do século XXI, entendida como sendo a “onda do momento”, na sala de

aula passa a não ser. Mesmo sem a intervenção dos educadores, na maioria das vezes, predominantemente a linguagem culta toma seu lugar de origem.

O internetês, a longo prazo, pode ser que venha adentrar às escolas com mais frequência, porém, cabe aos educadores entrarem com providências para que a linguagem digital não venha interferir na língua portuguesa, e, para isso, é preciso que os educadores trabalhem os diversos gêneros textuais e os suportes que a eles se prendem, para que os alunos possam identificar o sentido e o uso de cada linguagem em seus ambientes específicos.

Portanto, os resultados alcançados nesta pesquisa é que o internetês, mesmo sem o conhecimento prévio de seus usuários – no caso os alunos selecionados nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Santa Isabel-EF, localizada no município de Fortaleza - Estado do Ceará – influencia na linguagem escrita dos alunos da escola pesquisada.

## 4. Conclusão

A sociedade moderna, então, exige uma comunicação veloz e eficiente que permita manter o acelerado processo de comunicação sem deixar a compreensão de lado. Daí, as pessoas, cada vez mais utilizam a tecnologia, ou a tecnociência, em busca dos seus benefícios, como uma capacidade comunicativa célere, proporcionada pelos celulares, comunicadores instantâneos, e-mails, chats etc., os quais permitem o uso de inúmeros artifícios, na escrita, como as abreviações, a não pontuação e acentuação, a aglutinação ou eliminação de sílabas, consoantes, vogais, o uso de símbolos e imagens, dentre outros. Esses elementos, porém, podem ou não afetar a linguagem verbal. Dependem de como são trabalhados, principalmente entre os adolescentes e jovens que ainda não consolidaram sua escrita.

Os motivos que levam os alunos apresentarem dificuldades de leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental são inúmeros, principalmente nesse momento pós-pandemia em que se vive, há uma defasagem muito grande pelo fato desses discentes estarem afastados de suas práticas e confinados ao

isolamento físico, porém, há também os ganhos em relação à aproximação dos meios digitais e uma prática mais assídua às novas tecnologias.

Ao tentarmos compreender a importância da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, levou-nos a entender que ler é construir significados, e quanto mais se ler, mais se constrói. É notável que as crianças vão à escola para aprender a ler e escrever, e também apropriar-se do saber edificado ao longo do tempo pelo homem. Chegam abarrotadas de aspirações, esperanças e conhecimentos; contam histórias, acontecimentos, cantam músicas, leem quadrinhos e fazem outras atividades. O desejo de aprender a ler e escrever faz despertar a curiosidade, a construção objetiva e subjetiva própria do indivíduo.

No entanto, para esta pesquisa o fato de os alunos produzirem textos e serem bons leitores afeta diretamente os resultados investigativos. Considera-se ainda que a escrita em tempo real via Internet, precisa de direcionamentos em relação ao uso por parte dos alunos, em qualquer idade, pois acredita-se que a mesma interfere não no domínio da estrutura escrita da Língua, mas, ao contrário, desconsidera elementos da estrutura linguística tradicional e dos aspectos textuais dessa modalidade de comunicação.

Visto que, ler e escrever é um ato eminentemente social, e constitui desenvolvimento crítico e de caráter na construção da prática social da própria história de cada um. Pode-se afirmar que a leitura é um território de um sujeito ativo e interativo, de um sujeito que age e interage; porque ao ler, ele atribui significados às coisas do seu entorno. E ao atribuir significados, torna-se um leitor.

Assim, cabe à escola e aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, criar um ambiente prazeroso de leitura na sala de aula. De tal modo que, ao identificar os aspectos que interferem no processo de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos das séries iniciais, juntamente com essa prática, os professores devem trazer para a discussão as novas linguagens que se apresentam e interferem no cotidiano dos alunos. É preciso que os discentes tenham conhecimento da utilidade das linguagens digitais para saberem diferenciar a linguagem formal/padrão da linguagem digital, o internetês, e sem preconceito linguístico.

Observou-se também, pelos resultados da pesquisa, que apesar dos adolescentes e jovens muitas vezes terem consciência dos momentos que tais abreviações ocorrem, podem acontecer alguns deslizes na hora de produzirem um texto em sala de aula. Essa preocupação está associada à desinformação da utilidade das linguagens, que mesmo os educadores sabendo que os alunos estão utilizando determinadas linguagens digitais no cotidiano, não trazem para sua prática educacional a discussão e o aprofundamento dessas linguagens em confrontação com a língua portuguesa, ou linguagem padrão.

O desconhecimento dessas linguagens associados ao uso diário das mesmas podem consolidar a escrita desses alunos, levando-os a uma sucessão de erros. Dessa forma, as variantes não podem ser vistas de forma generalizada, não considerando isso como uma influência na linguagem escrita usual em sala de aula. Isso é mais uma confirmação das hipóteses problematizadas nesta pesquisa.

É de fundamental importância que a escola implante projetos de motivação à leitura e à escrita. Os educadores precisam incentivar os alunos a tramitarem por diversas linguagens, para atingirem sua maturação cognitiva na escrita e na leitura, e assim eles, os alunos, construírem suas próprias convicções críticas em relação à utilização da linguagem digital, ou seja, saber o momento apropriado para o uso dela.

Portanto, apesar de estarmos vivendo hoje um grande paradoxo, o neologismo ou a linguagem “internetês” sempre estará relacionado ao fato de que ele não é aceito em todos os lugares, ou seja, não se encaixa em determinados momentos sociais. Tal fato é explicado quando ressaltamos o valor da norma padrão, a famosa língua do prestígio, que acaba causando algumas desigualdades sociais, assim, para o “internetês” não ser utilizado em todos os lugares, cabe ao falante dessa linguagem estar atento para saber utilizar cada variante, nos momentos mais oportunos.

Os estudos teóricos que embasam esta pesquisa descrevem as dificuldades vivenciadas pelos alunos em relação à aquisição da escrita e da leitura, percebe-se nas postulações dos estudiosos que, no processo de aprendizagem da leitura e escrita, o “insucesso” da criança diz respeito, dentre múltiplos fatores, à perspectiva de leitura que transcorre o ambiente escolar. Segundo eles, é preciso ter

atrevimento, imaginação e autonomia para ingressar o sujeito no processo de edificação da leitura e escrita, para que a criança tenha anseio de aprender. A escola precisa oportunizar momentos frequentes para que os alunos adquiram maior conhecimento através do mundo mediante a prática da leitura e da escrita.

**Referências**

CRYSTAL, D. **A revolução da Linguagem**. Rio de Janeiro. Zahar, 2005. Disponível em: http://www.veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas respostas/linguagem.internet-celular.idioma-escrita-abreviada.jovens-adolescenteshtml. Acesso em: 17 jan. 2022.

FRUET, F. S. O. *et al.* Internetês: ameaça ou evolução na língua portuguesa? *In:* **Revista da ANPOLL.** n. 1, São Paulo, Anpoll 26, 2008. p. 1-286.

MARCONATO, S. **Internetês**, 2012. Disponível em: http://www.Wikipédia.com. br. Acesso em: 16 fev. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORDEUS, M. P.; MAGALHÃES JÚNIOR, A. G.; PORDEUS, C. L. V.; PAULINO, F. W. de V. Remote teaching and Digital Information and Communication Technologies (TDIC) in the State of Ceará: some notes in the Covid-19 pandemic scenario. **Research, Society and Development**, *[S. l.]*, v. 11, n. 4, p. e32511427531, 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27531. Acesso em: 17 jan. 2022.

SALGADO, M. U. C.; AMARAL, A. L. **Tecnologia na educação***:* Ensinando e aprendendo com TIC, Criação e editoração eletrônica, 2008.

SILVA, O. S. F. **Tessituras (Hiper) textuais**: leitura e escrita nos cenários digitais. Salvador: Quarteto, 2008.

TEDESCO, J. C. **Educação e novas tecnologias**: esperança ou incerteza? Tradução de Claudia Berliner, Silvana Cobucci Leite – São Paulo: Cortez, 2004. Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion: Brasília: UNESCO.